

**Antes de vestir a casaca, é preciso vestir as calças:
breve monólogo entre Manoel Dias e Domício da Gama**
**Before putting on the jacket, it is necessary to wear the pants:
brief monologue between Manoel Dias and Domício da Gama**

FRANCO BAPTISTA SANDANELLO¹

Resumo: O presente ensaio busca resgatar a obra de Domício da Gama, hoje praticamente desconhecida no panorama da literatura brasileira oitocentista, mediante um conto de juventude, «As calças do Manoel Dias», publicado em 1886. Discute-se a significação dos dramas existenciais do protagonista, um desafortunado vendeiro português, e seus pontos de contato com a trajetória irregular de Domício da Gama nas letras. O conto é transcrito em anexo, após cotejo de suas quatro versões.

Palavras-chaves: Domício da Gama; literatura brasileira; conto oitocentista; resgate da obra.

Abstract: This essay aims to rediscuss the work of Domicio da Gama, nowadays almost unknown in the context of 19th century Brazilian literature. We take here into account a short story from his early years, «As calças do Manoel Dias», published in 1886. The existential drama of its protagonist, an unlucky Portuguese salesman, is compared to Domicio da Gama's irregular trajectory in Brazilian literature. Annex to the essay, the transcript of the short story stems from a thorough comparison of its four versions.

Keywords: Domicio da Gama; Brazilian literature; 19th century short story; recovery of the work.

¹ Academia da Força Aérea (AFA); Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

1. Introdução (a perda da casaca)

Domício da Gama é hoje um desconhecido no panorama da literatura brasileira, muito embora tenha cativado outrora a atenção de homens da importância do Barão do Rio Branco e de Machado de Assis. Foi pelas mãos do primeiro que ingressou na diplomacia, sendo seu geógrafo e secretário, além de responsável indireto pelo sucesso do Brasil nas questões do Acre e do Amapá (posteriormente, Domício viria a ocupar o mais alto cargo das Relações Exteriores, sucedendo Nilo Peçanha na função de chanceler). Tamanho sucesso na carreira diplomática teve paralelo na carreira das letras: Machado proferiu seu sucesso como geógrafo da alma humana, e Raul Pompeia, entusiasmado com seus contos de mocidade, sugeriu o título de seu primeiro livro de contos, dedicando-lhe um estudo crítico²

² Humberto de Campos tematiza o encontro dos três com sua *blague* característica num de seus *Perfis*: «Uma tarde, lia Domício na Garnier a Machado, Pompeia, Mário de Alencar, e outros, uma coleção de contos, dirigindo de instante a instante um olhar aos pés, quando, ao fim, comunicou tratar-se do seu livro de estreia. Faltava, apenas, o título. – Homem, – fez Pompeia, concentrado, – eu, no seu lugar, já o teria encontrado. E olhando o calcanhar do “conteur”: – Dar-lhe-ia o título de “Contos” à “meia tinta”! E tomando nota: – “‘Contos à meia tinta’ fica muito bem!»». Nesse parecer, a obra de Domício deve-se diretamente à influência de Pompeia e Machado. A respeito de seu contato com esse último, observa que fora mesmo por sua sugestão que se iniciara nas letras: «Aproximado de Machado de Assis, que passou a chefiar o grupo dos recolhidos, ou dos melancólicos, nas cadeiras da Garnier, verificou Machado que o moço geógrafo possuía uma observação fina, perspicaz, e que podia ser um excelente pintor psicólogo. As almas, os caracteres, podiam encontrar nele um paisagista delicado, um fixador inteligente, um intérprete como ainda não existia, talvez, nas letras nacionais. – O senhor po... podia

pouco depois (Domício seria ainda membro fundador da Academia Brasileira de Letras, tendo por patrono o mesmo Pompeia, falecido em 1895).³

A máxima *sic transit gloria mundi* parece ter aqui uma validação ominosa, uma vez que a dedicação integral do escritor à diplomacia o fez abandonar a carreira das letras, sua real vocação, conforme confessado em carta a Mário de Alencar.⁴

fa... fazer a ge... ge... geografia do co... co... coração humano! – gaguejou o Mestre. E incentivando-o: – Por... por que não escreve [sic] uns con... contos?» (Campos, 1951: 101-102).

³ O suicídio de Pompeia gerou forte impacto nas rodas literárias, provocando depoimentos saudosos de Machado de Assis, Araripe Jr. *et al.*, Domício da Gama, após uma disputa cordial com Rodrigo Octávio para ver quem homenagearia o amigo, confessa sua predileção em carta a José Veríssimo, datada de 7 de julho de 1897. A carta está disponível no arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras e foi transcrita por Luís Eduardo Ramos Borges: «Recebi os estatutos da Academia Brasileira de Letras e uma requisição de Rodrigo Octávio para dar o meu endereço e designar o nome de minha cadeira. Vou responder-lhe. Mas bem gostaria de trocar com o próprio Rodrigo Octávio, o Pompeia, que ele tomou, pelo Manuel de Araújo Porto Alegre, José Bonifácio, Monte Alverne, Uruguai ou Magalhães, que escolheria por ordem de sucessão, se já outro tivesse tomado o meu patrono. Se esses mesmos tivessem sido tomados (veja se alguém tomou o Santa Rita Durão, que eu não quero, mas que não pode ficar esquecido), recorro ao pobre mulato velho do Teixeira e Sousa, de Cabo Frio...» (Borges, 1998: 524). O discurso de posse de Domício na ABL, a 1 de julho de 1900, é outro testemunho pungente da amizade com Raul.

⁴ Na carta mencionada, a diplomacia é confessada como algo acessório à literatura, ou, ao menos, um momento parcial, passageiro, de realização pessoal: «Você não imagina o que é compor alguma coisa pessoal e sentida no meio das ocupações tão diferentes da minha vida de guarda internacional. Aí no Rio a gente tem toda espécie de estímulo. Aqui nem sequer sabem que sou escritor. E pouco lhes interessaria saber. Mas não pense que eu me considero mais diplomata do que escritor. Ao contrário, se como diplomata

Sem afirmar, com o amargor de praxe, que sua obra foi injustamente esquecida – como se tantos escritores importantes não fossem tardiamente descobertos –, o presente ensaio propõe uma análise despreziosa de seu conto mais antigo⁵, cujo protagonista vem a ser seu único personagem português. Trata-se, a princípio, de uma comparação de cunho «descuidado, mas não descuidoso» (Gama, 2001: 70) – como define, em poucas palavras, o protagonista mencionado –, cuja significação se fará sentir mais adiante, após uma discussão preliminar do texto.

2. Coisas que se dizem antes

Embora o conto «As calças do Manoel Dias» tenha sido publicado no jornal *O domingo* (MG) a 7 de fevereiro de 1886, os primeiros comentários a seu respeito datam de 1891, ano em que foi reimpresso pela *Gazeta de Notícias* (RJ) e lançado em livro (*Contos a meia tinta*, 1891). O texto foi reeditado apenas 110 anos depois, ao integrar uma antologia preparada pela Academia Brasileira de Letras (*Contos*,

==

eu não posso ter individualidade, se apenas na apresentação física tenho personalidade e assinatura, o desafio de tanta compreensão moral seria a escrita literária, a obra de arte sincera. Aí sim, há respeito pelo assunto e estima pelo resultado do esforço, avaliado pelo receio do insucesso. E depois essa certeza da retirada garantida, que é a ironia, e a defesa contra as acusações à obra definitiva, que sempre nos guardamos de compreender» (Gama *apud* Alencar, 1911: 1).

⁵ Trata-se do conto mais antigo publicado em volume. Outros foram escritos previamente, mas sem a mesma ênfase do autor: Domício revisou inteiramente «As calças do Manoel Dias» para *Contos a meia tinta*.

2001).⁶ A fortuna crítica desse conto em particular recobra os percalços da recepção da obra de Domício e pode ser contada com os dedos de uma só mão.⁷ Ademais, as versões mencionadas contêm mais de cem alterações do texto, desde sua publicação em periódicos até à reedição de 2001.

É lícito destacar, portanto, que, em anexo ao ensaio, acompanha a transcrição d'«As calças de Manoel Dias» uma série de notas indicativas das alterações que foram sendo introduzidas ao longo de suas quatro versões.⁸

De volta à recepção do texto, há comentaristas que ora condenam, ora elogiam sua qualidade literária. Raul Pompeia toma-o como parte dos contos fracos de sua obra;⁹ Valentim Magalhães, por sua vez, confessa-o

==

⁶ Ao contrário de outros textos, o conto não foi incluído no volume *Histórias curtas* (1901b) e tampouco consta de coletâneas de terceiros, como as de Raimundo Magalhães Jr. (1959; 1960), Fernando Marcílio Couto (2011) ou Eliane Robert de Moraes (2018), que contemplam outros contos do autor.

⁷ Não obstante, nos últimos 20 anos, surgiram importantes textos sobre o autor, que anunciam o certo resgate do conjunto de sua obra à historiografia nacional, como os de Borges (1998), Venâncio Filho (2002), Tereza França (2007), Ronaldo Fernandes (2011), Evanildo Bechara (2013) e Haroldo Sereza (2017).

⁸ Embora o maior número de alterações deva-se à revisão da primeira versão em periódico para sua publicação em volume, há outros casos (*e.g.*, mudanças indevidas na antologia de 2001).

⁹ «Nem todos os contos que o volume [*Contos a meia tinta*] contém são por igual excelentes. Alguns, como «Um primitivo», «As calças do Manoel Dias», «Cônsul», não são da força dos outros. A grande maioria dos ótimos é tão brilhante porém, que quase não há direito de distinguir no livro para aplaudi-lo» (Pompeia, 1982: 230).

uma revelação inegável do talento de Domício.¹⁰ O parecer de Luís Eduardo Ramos Borges, autor da primeira biografia do autor, parece ser mais ponderado:

Nestes contos já aparece uma expressiva face do seu talento, voltada para a realização de retratos daqueles que não deram certo, dos irregulares, mais conhecidos como «vencidos da vida». É o que se pode observar em «Estudo do feio» ou em «Cônsul», estórias de vidas incompletas, como em «O diplomático» ou «Um homem célebre», de Machado de Assis. Há ainda a tentativa de apresentar morna e banalmente cortes da realidade, pedaços da vida a dois, o que se verifica em «Só» e «Conto de verdade». Domício já havia inaugurado uma espécie de conto anedótico ou anedótico-filosófico, se é que assim pode ser. É o que se pode encontrar em «As calças do Manoel Dias», «A ficção da história» e «Dedução, indução e conclusão», onde há humor, mas há também o retrato melancólico de um ser humano escravo das suas próprias limitações. (Borges, 1998: 79)

Entre a anedota e a «filosofia», o enredo do conto trata de um vendeiro português, Manoel Dias, que passa a ser hostilizado pelos vizinhos após depor numa questão de propriedade contra os frades de São Bento, detentores da maior parte das terras próximas à lagoa da

Guarapina (situada em Maricá, RJ, cidade natal do escritor). Sua decisão, motivada pelo que considera ser acertos pecuniários com José Mendes, litigioso na questão contra os frades, decorre apenas de sua falta de jeito perante o aparato do tribunal, que tolhe suas mentiras premeditadas e o faz esquecer de sua dívida de favor para com os religiosos, em cujas terras está a venda. O crescendo do ódio da população contra Manoel leva à sua expulsão daquelas terras, e é explorado como unidade de efeito do conto, culminando no encontro casual do negociante com o abade, único homem capaz de alterar a decisão em seu favor. E eis o desenlace: Manoel, que o chama da janela de sua casa, não encontra suas calças, e não pode sair para conversar, de ceroulas. Ralhando com sua escrava, tanto procura pelas calças que o abade julga o vendeiro ter enlouquecido, indo embora sem deliberar sobre o problema.

3. Procurando as calças

À primeira vista, o conto parece desarmar o leitor, lembrando antes um caso, construído ao redor do ridículo encontro entre o negociante e o abade. A atmosfera do conto poderia mesmo evocar certo movimento propício à piada, no crescendo de quiproquós em torno de Manoel Dias. Destoa, porém, a citação do «sombrio Schopenhauer» na penúltima linha, que confere uma ênfase diversa ao desespero do protagonista:

E a raiva impotente, e a desesperação de que se enchia, com o gesto tragicômico, davam-lhe

¹⁰ «Domício revelou-se n'«As calças do Manoel Dias» — um primor de estilo sugestivo e sóbrio, de um humorismo clássico e bom até a quimera! — um portento!» (Magalhães, 1894: 197-198).

uma expressão tão ridiculamente dolorosa que, vendo-o, se moveria o coração do mais maldoso dos pessimistas, do sombrio Schopenhauer, o anti-Deus alemão. (Gama, 2001: 74)

«As calças do Manoel Dias» foi escrito aos 25 anos, num momento em que o autor tateia em busca de um estilo próprio. Há, outrossim, certo desvio de estrutura na digressão final.¹¹ A partir dela, não é difícil que o leitor se compadeça, desajeitadamente, do infortúnio de Manoel Dias, erigido em tragédia humana superior ao deboche do «mais maldoso dos pessimistas». Afinal, se era de tal ordem o deses-

==

¹¹ Posteriormente, o autor deslocaria tal digressão para o início dos contos, fazendo anteceder ao enredo uma breve reflexão teórica. Ronaldo Fernandes define-a como uma «introdução digressiva», termo que continua a expressão «introito filosófico» de Borges (1998): «Esse mecanismo de construção narrativa mostra que Domício tinha um laivo quase ensaístico, mas que não podia se mostrar na literatura de sua época, porquanto, somente mais tarde, a mescla de ensaio e ficção – para mim, melhor realizada pelos autores pangermânicos como Musil e Thomas Mann – só será aceita depois da ação demolidora das vanguardas do princípio do século XX. O “ensaísmo” de Domício não é nem predominante, nem excessivo. Lembra mais introdução digressiva, como forma de aproximar lentamente o leitor do objeto de sua narração. Contudo, é, com certeza, uma característica forte e que foge da objetividade – tanto o tom ensaístico, quanto a tentativa de provar com as ações do personagem que o colocam em certos momentos numa caricatura e, em outros, numa silhueta incômoda» (Fernandes, 2011: 24). Por sua vez, José Veríssimo delineou a expressão «tese preestabelecida» como parâmetro pioneiro de leitura dos contos: «Os seus contos são explicações concretas, ilustrações, como diriam os ingleses, dos seus conceitos de psicólogo, sem de maneira alguma tomarem a forma de apólogos. Apenas o contador lhes põe a moralidade ou a doutrina em geral no começo, dando à sua narrativa um feitiço de demonstração de uma tese preestabelecida, como em geometria. É de notar que em seu louvor que [sic] o processo, menos um processo que uma feição íntima do escritor, não diminui em nada o corte eminentemente literário de sua obra» (Veríssimo, 1977: 84).

pero do negociante, não haveria motivo para enfatizar, numa longa passagem, o deboche da procura pelas calças, de ceroulas.

Manoel é um vendeiro honesto, e há certo gosto amargo em satirizar o único homem honrado de Maricá por conta de umas meras calças. Retratado em sua intimidade no depoimento sobre as terras, é pessoa de bem, cujos interesses próprios são ofuscados pela necessidade de dizer a verdade, «por um impulso de sinceridade, que não podia reprimir», motivando «com o velho sangue a lealdade lusa» (Gama, 2001: 70) em prejuízo próprio. Sua venda está nas terras dos frades, e uma dívida de favor (decorrente da impossibilidade de trabalho livre) antepõe-se à sua opinião. Mesmo a «Justiça esperava dele» uma confirmação feudal da importância do Mosteiro: sua «honestidade era importuna e mal vista», e «os poderosos frades valiam mais do que a Justiça!» (Gama, 2001: 71).

A breve focalização interna sobre o protagonista, no instante crucial de seu depoimento, opera a transição do óbvio (em proveito da «justiça») ao latente (em proveito da verdade), e é pela solenidade da corte, pela fé, pelo juramento à imagem do Cristo, que Manoel Dias goza um momento de liberdade e é ouvido por todos:¹²

==

¹² Gradativamente, Domício empregaria em sua obra o narrador autodiegético para aprofundar tais momentos de reflexão individual, abeirando-se, em seus melhores contos, do

Disse tudo: a verdadeira direção do rumo quando foi da medição da data que o finado Zé Vítor vendeu a seu Alferes, a troca das árvores que tinham servido de ponto de mira, quando mais tarde o mesmo Zé Vítor, já com pouco espaço para a lavoura, entrou com o partido de cana pelas terras que já não eram suas, engano que o alferes não corrigiu, pois que não precisava da terra e os marcos de pedra lá estavam para garantir-lhe a posse, etc., etc. E, levado por um impulso de sinceridade, que não podia reprimir, já começava a falar da mudança noturna de um desses marcos, que embaraçava o novo alinhamento dos frades, quando o juiz, com um certo mau modo, interrompeu o seu depoimento e passou a outra testemunha. (Gama, 2001: 70-71)

O desnível entre o ápice de sua atuação livre e sua nulidade social posterior marca a transição de Manoel Dias, indivíduo, para Manoel Dias, caricatura. Vendo que seus esforços de nada valiam, Manoel abandona a «verdade» para ocupar-se de si. Aceitando a violência social do favor, vai à fazenda de S. Bento implorar a reconsideração do abade.

Ora, o momento de liberdade do vendeiro é o que o torna um elemento estranho à provinciana Guarapina, enxertando um lapso de pura liberdade numa sociedade escravista. Veja-se, inclusive, como tudo se resume às mudanças

==

desnível entre a apresentação parcial das cenas pelo narrador e a compreensão limitada das personagens, próximo àquilo que Ian Watt (1979: 179) chamou «*delayed decoding*» e que é parte constitutiva da ficção moderna.

de hábito: entre costumes, frades e calças, há os que servem e os que não servem. E Manoel não encontra seu lugar, nem suas calças.

Ademais, a truculenta expulsão do vendeiro visa apenas confirmar algo que se pressupõe desde o início: o jugo do abade, enquanto instituição, é contrário ao exemplo de Cristo; tal como a verdade, institucionalizada, não encontra abrigo na Casa da Câmara. Impaciente como o juiz, o abade não espera Manoel Dias vestir suas calças: há uma desigualdade de base entre os três. E, como o alferes no processo judicial, Manoel não possui verdadeiro direito de defesa.

A reação do vendeiro é, então, crucial: Manoel, numa transição brusca, desconta a violência dos senhorios em sua escrava:

– Ó negra, que é delas minhas calças? Vê onde estão as minhas calças! Procura, demônio, que eu não sei onde estão!

E voltando para fora, dirigia-se ao frade, que, vendo-o sumir-se, não descera do carro.

– Por favor senhor D. Abade, não faça cerimônia nesta sua casa! Não repare, olhe...

Mas, com medo de ser visto em ceroulas, fugia para dentro, gritando para a escrava:

– Mas onde estão essas calças que não aparecem? Vê se não estão lá no quarto, negra!

Ora, esta só a mim acontece! (Gama, 2001: 73)

Perceba-se como a dicção do vendeiro muda, à medida que fala com seu superior (abade) ou com sua inferior (escrava), respeitando cegamente a mesma pirâmide social que não

lhe permite uma vida *honest*. A escrava faz as vezes de um «demônio», sem culpa alguma pelo sumiço das calças. Inconsciente de seu destino, Manoel parece ignorar o fato de que não seria atendido em lugar algum, da Casa da Câmara à fazenda de S. Bento. Inversamente, sua escrava sequer é nomeada, e tem de amargar uma condição servil dentro de seu ambiente de trabalho. Para ambos não há solução visível: Manoel deve contentar-se, ao menos, com o fato de ter um nome com que ser enterrado.

O autor, entre as quatro versões do texto, corrigiu os excessos de crítica social, de forma a não ofuscar o efeito cômico do texto.¹³ Todavia, contraposto a tal cena e ao desfecho «filosófico» do conto, tal efeito não consegue abarcar as muitas alterações de sentido às «calças do Manoel Dias». Ao invés de utilizar personagens tipificadas, quase indispensáveis para o tipo de riso pretendido, Domício aproxima-se demasiado da interioridade do negociante na primeira metade do conto. Dessa forma, o que viria a ser a principal qualidade de sua obra (o cuidado com a interioridade das personagens, sua percepção enviesada do meio) acaba por ser o principal defeito, nesse caso específico.

¹³ Na versão original, há apenas a indicação de «negra» à criada de Manoel, não havendo menção à condição escrava. Entre uma versão e outra, o texto apresenta dois momentos distintos do Brasil oitocentista, passando por uma revisão nos anos da República. Demais comentários ao conto, assim como demais diferenças entre as quatro versões, encontram-se no «Anexo» ao presente ensaio.

E isto porque a liberdade de focalização (restrita à sua liberdade de fala, em meio ao tribunal) faz repensar a ausência de liberdade social no Brasil oitocentista, aproximando o riso das lágrimas.

Assim, a maior qualidade de Manoel Dias, sua honestidade, faz dele um joguete das condições externas, aceitando bovinamente o domínio dos frades e a realidade escravista, por lhe permitirem um mínimo de benefício dentro do sistema: uma venda, uma escrava.

4. A «mancha» na casaca (biografismos)

Parece não haver solução para o impasse estrutural do conto, que sobrecarrega sua experiência de leitura e desmotiva uma incursão maior em quaisquer dos caminhos apontados. Assim, é preciso transitar de Manoel Dias a Domício da Gama, de forma a resgatar o sentido do diálogo (monólogo) apontado desde o título do ensaio. Guarde-se, ainda uma vez, aquilo que há de melhor no vendeiro: seu enfrentamento ao poder absoluto dos frades, motivado pela «lealdade lusa» de seu sangue (Gama, 2001: 70).

Domício era filho de um português de Viana do Castelo, Domingos Afonso Forneiro, que veio ao Brasil aos 16 anos para escapar do seminário. Avesso às pressões de uma tia carola, optou por trabalhar 20 horas por dia na roça, lavrar a terra e criar gado, a fim de deixar aos sete filhos alguma herança alheia à vida mo-

nástica (França, 2007: 22).¹⁴ Os sobrenomes dos filhos seguiram o espírito livre do pai, variando entre Forneiro, Faustino e da Gama. Este, deve-se ao sobrenome do padrinho, o vigário Sebastião de Azevedo Araújo e Gama, escolhido pela única razão de não incomodar mais ninguém.¹⁵ Percebe-se, pois, certa volubilidade do pai do escritor, que fez o filho viver de pseudônimo pela vida afora,¹⁶ às voltas com seus embates com a religião.

Por sua vez, Domício transformou a combatividade do pai em uma postura conciliadora, que lhe renderia muitos frutos na carreira diplomática. Preferiu reverter a sina de Manoel Dias em seu benefício, como o fez ao aprender espanhol com um frade português, natural de Bragança, pouco antes de sua missão di-

==

¹⁴ Outro pormenor: Domingos Forneiro foi dono de muitos escravos. Em carta a Coelho Neto, datada de dois de dezembro de 1915, Domício da Gama, após falar de sua leitura de *d'A conquista*, lembra-se do pai, às margens da abolição, com certa dose de ironia: «Enquanto isso meu pai, confiado e otimista à sua maneira, comprava os negros bons que se lhe ofereciam, porque eram baratos e porque o Estado lhe garantia a posse deles, desde que percebia o imposto de transmissão dessa propriedade. Tempos heroicos!» (Gama *apud* Borges, 1998: 556).

¹⁵ Devo os pormenores biográficos de Domício da Gama a conversas e informações gentilmente cedidas pela pesquisadora Tereza França, que é, sem dúvida, a maior conhecedora da biografia do autor, além de *expert* em sua atuação diplomática. Tive ainda acesso a partes da biografia do autor, que está para lançar pela Biblioteca Nacional.

¹⁶ Domício da Gama haveria de ser confundido até mesmo pelo seu amigo mais longevo, Capistrano de Abreu, que, antes de conhecê-lo, tomou-o por português: «lá pelos idos de 1887, Capistrano havia lido os seus textos na Gazeta de Notícias, e comentou sobre eles com Raul Pompeia, achando que se tratasse do pseudônimo de algum português amigo de Elysio Mendes» (França, 2007: 30).

plomática em Lima.¹⁷ Ademais, transferindo a medição das terras do alferes para fora do papel, fez-se geógrafo decisivo do Barão do Rio Branco nas questões do Acre e do Amapá.

Todavia, como confessou em carta,¹⁸ pertence ele à categoria dos escritores que têm, e conservam sempre, mesmo em plena atividade literária, com o gosto forte das letras, um certo e recatado pudor da publicidade. «[...] Daí não só a escassez da sua produção, mas ainda a sua mesma sobriedade e distinção» (Veríssimo, 1977: 81-82).

==

¹⁷ O esforço levaria ao sucesso na questão de limites com o Peru, culminando no Tratado do Rio de Janeiro, de 1909.

¹⁸ Em carta de julho de 1888 («Carta ao Joca»), disponível na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, Domício confessa escrever apenas àqueles de seu convívio: «Que afinal de contas sempre sereis o meu público dileto, a quem me dirijo mentalmente quando escrevo. Por isso mesmo, como quem falta os últimos, sou pouco explicativo e muito atrevido, descuidoso de fórmulas. Careço de compor-me um público abstrato suficientemente burro e rasteiro». O mesmo diria ainda no prefácio às *Histórias curtas*, «Nota para o meu melhor leitor», em que não apenas faz uma síntese de seu pensamento estético, como prevê, enquanto diálogo com um público ideal, sua posição frente à recepção de sua obra e a importância do leitor na criação ficcional: «Eu tenho a abstração difícil, em se tratando de pessoas. Não sei escrever senão para as que conheço e só para elas escrevo. [...] A forma, a cor, a expressão [sic] dos olhos que me lerão eu careço de conhecer, de ter presentes ao espírito quando escrevo de coisas sentidas. São assim as melhores cartas aquelas em que mandamos às pessoas amigas impressões, sentimentos e ideias de cujo acolhimento afetuoso estamos seguros. Um livro de emoção não obedece a outro estímulo. De sorte que se pode dizer que a obra de um escritor depende grandemente dos seus leitores, isto é, daqueles para quem ele usa escrever» (Gama, 2001: 4-5). Uma análise pormenorizada do prefácio pode ser encontrada em Sandanello (2017).

Não havendo presença de outras personagens portuguesas em seus contos,¹⁹ não se pode dizer que Domício tenha tido uma visão sistêmica dos portugueses – ao menos não em sua obra ficcional.²⁰ Em todo caso, seja pelo exemplo do pai, seja pela cordura de seu caráter, Domício jamais delinearía um perfil negativo do português, na esteira de vendeiros contemporâneos a Manoel Dias, como o João Romão d’*O cortiço* (Azevedo, 2005) ou o Zé Novato d’*O chromo* (Carvalho, 1888).²¹

—

¹⁹ Há neles indicações de figuras portuguesas, ora reais – Vasco da Gama («A confissão»), Eça de Queirós e Batalha Reis («Cônsul!..») – ora fictícias – Fradique Mendes («Um conhecido») –, que não chegam a constituir personagens. Aquela que mais se aproxima de tal categoria é a figura do comprador de quadros Pinto Leite («A bacante»), inversão do nome do comendador português Leite Pinto, que mediou o primeiro contato entre Domício e Eça. Para além de tais referências, há apenas a Chiquinha Lisboa, prostituta cuja nacionalidade não é especificada («Indução, dedução e conclusão»).

²⁰ Em verdade, Domício é cioso das relações entre o Brasil e sua antiga metrópole. É o que se depreende, por exemplo, de sua crônica de 22 de maio de 1893, «De volta», em que, a propósito de seu retorno ao Rio depois de cinco anos na Europa, debate a xenofobia jacobina de Raul Pompeia, distinguindo a euforia política de seu caráter naturalmente exaltado, marca de uma força criativa sem igual: «Fossem outros os tempos, mais apertasse ao brasileiro a crise política e a consequente crise econômica, e a exortação poética do Pompeia à manifestação construtiva do Amor levantaria por essas ruas e estradas o bárbaro grito antigo do mata galego! que havia de espantá-lo tanto, como a uma criança espanta o incêndio que ateou com um fósforo. [...] Mas o nosso grande poeta não pensa em tal, e os que o qualificam de exaltado, esquecem que o Pompeia nunca viveu sem um entusiasmo e uma indignação convergentes, como a águia que o vento leva, bate as asas, num pleonasma de atividade» (Gama, 1893: 1).

²¹ Veja-se, a título de exemplo, a representação do comerciante português em cada uma das obras mencionadas. De um lado, João Romão: «Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorar-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que

Antes disso, fazendo o caminho inverso da ficção para a vida, parece melhor observar o quanto do infeliz Manoel Dias há em Domício. Seus esforços em prol da defesa da soberania nacional, resumidos no conceito de «*self made nation*» apresentado à *Pan-American Society* em 1912, foram entendidos como parte da política externa de Rio Branco; vivendo de pseudônimo na diplomacia (Magalhães Jr., 1959: 317), foi dispensado pelos senhorios no fim da vida, ao ser posto em disponibilidade por Artur Bernardes. O desespero de não ter sequer uma cadeira onde sentar no Itamaraty levou-o à morte, poucos dias depois, em 1925.

Talvez Manoel Dias, tempos depois da expulsão da Guarapina, tivesse destino semelhante.

—

podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça» (Azevedo, 2005: 444). De outro, Zé Novato: «Virava os cantos das dobras, para mostrar o lado direito, e falava da pintura, feita a capricho nas melhores fábricas de Manchester, Oxford, Paris, Lyon, etc., mentindo sempre, constantemente, sobre os processos do colorido, para convencer de que ele não desbotava; fazendo-se de erudito, para angariar-lhes a simpatia, e empurrar-lhes a fazenda por bom preço» (Carvalho, 1888: 32). Veja-se, ainda, o quanto a figura de Manoel Dias destoa de ambos, conferindo uma visão alternativa do vendeiro português no Brasil oitocentista.

5. Com uma perna de fora (conclusões)

Retomar Domício da Gama a propósito de Manoel Dias equivale a encenar um monólogo. Guardadas as devidas proporções, ambos tiveram em vida a função de interlocutores transitórios, sem liberdade perene de ação nem alcance duradouro das palavras.

É preciso que o leitor busque, por si, o justo valor de sua obra. É preciso também que avalie o exemplo (para além da caricatura) de Manoel Dias, em meio ao contexto brasileiro da segunda metade do século XIX, e julgue se estava, de fato, com uma perna de fora das calças (dizendo a verdade perante o tribunal; julgando-se livre, sem o ser), ou com uma perna de dentro (abusando de sua escrava; bajulando o abade etc.). O mesmo para Domício, isto é, se esteve escurrido dentro da casaca (relegando sua vocação literária a segundo plano, até que a tirassem de si), ou se optou pela única opção viável ao descalabro profissional das letras no Oitocentos, fazendo valer sua formação em outro empenho.

Assim, explica-se o sentido do comentário despretensioso ao conto, quiçá «descuidado, mas não descuidoso» (Gama, 2001: 70): trata-se de um convite à descoberta de sua obra, dado nos meios termos de um conto de mocidade.

Bibliografia

AZEVEDO, A. (2005). *O cortiço*. Em: AZEVEDO, A. *Ficção completa*. Nova Aguilar. Rio de Janeiro;

BECHARA, E. (2013). Domício da Gama: o escritor e o diplomata. *Revista Brasileira*. **74**: 201-213;

BORGES, L.E.R. (1998). *Vida e obra do escritor Domício da Gama: Um resgate necessário*. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista. Assis;

CAMPOS, H. (1951). Domício da Gama. Em: H. Campos. *Perfis (crônicas)*. 1.ª série. W.M. Jackson. São Paulo/Porto Alegre;

CARVALHO, H. (1888). *O chromo: Estudo de temperamentos*. Tipografia de Carlos Gaspar da Silva. Rio de Janeiro;

COUTO, F.M.L. (2011). *Antologia de contos realistas: Machado, Pompeia e Cia*. Lazuli. São Paulo;

FERNANDES, R.C. (2011). *Domício da Gama*. Academia Brasileira de Letras/Imprensa Oficial. Rio de Janeiro/São Paulo;

FRANÇA, T.C.N. (2007). *Self made nation: Domício da Gama e o pragmatismo do bom senso*. Tese de Doutorado em Relações Internacionais. Universidade de Brasília. Brasília;

GAMA, D. (1886, 7 de Fevereiro). As calças do Manoel Dias. *O domingo*. pp. 2-4;

GAMA, D. (1891a, 22 de Junho). As calças do Manuel Dias. *Gazeta de Notícias*. p. 1;

GAMA, D. (1891b). *Contos à meia tinta*. Lahure. Paris;

GAMA, D. (1893, 22 de Maio). De volta. *Gazeta de Notícias*. p. 1;

GAMA, D. (1901). *Histórias curtas*. Francisco Alves. Rio de Janeiro;

GAMA, D. (2001). *Contos*. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro;

MAGALHÃES, V. (1894, 20 de Janeiro). Gazetilha literária. *A semana*. pp. 197-198;

MAGALHÃES JR., R. (org.). (1959). *O conto do Rio de Janeiro*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro;

MAGALHÃES JR., R. (org.). (1960). *O conto da vida burocrática*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro;

- MORAES, E.R. (2018). *O corpo descoberto: Contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. Cepe. Recife;
- POMPEIA, R. (1982). *Obras. Crônicas 4. Civilização Brasileira/OLAC/FENAME*. Rio de Janeiro;
- SANDANELLO, F.B. (2017). *Domício da Gama e o impressionismo literário no Brasil*. EDUFMA. São Luís;
- SEREZA, H.C. (2017). Impasses e negociações na prosa de Domício da Gama. *Soletras*. **34**: 274-285;
- VENÂNCIO FILHO, A. (2002). Domício da Gama. Em: SILVA, A.C. (org.). *O Itamaraty na cultura brasileira*. Francisco Alves. Rio de Janeiro;
- VERÍSSIMO, J. (1977). Os contos do Sr. Domício da Gama. Em: VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira*. 4.^a série. Itatiaia/EDUSP. Belo Horizonte/São Paulo;
- WATT, I. (1979). *Conrad in the nineteenth century*. University of California Press. Los Angeles.

Anexo

As calças do Manoel Dias^{22 23}

Duas horas da tarde, um céu de anil e o sol de matar passarinhos.²⁴ No espelho de aço da lagoa mal corria a espaços a estria irregular de uma lufada perdida de nordeste; do cordão

==

²² Transcrição cotejada entre as quatro versões do conto. Para maior facilidade de referência, as versões serão abreviadas para OD (*O domingo* (MG), primeira versão em jornal); GN (*Gazeta de Notícias* (RJ), segunda versão em jornal); CMT (*Contos a meia tinta*, primeira versão em volume); e CT (*Contos*, segunda versão em volume). Destarte, as discrepâncias entre si poderão ser indicadas com maior acuidade.

²³ Indicação de coluna acima do título do conto: «Contos a meia tinta» [GN] Embora grafado «Manuel Dias» em [GN], foi respeitada a grafia da versão posterior, «Manoel Dias» [CMT; CT].

²⁴ «Duas horas da tarde e um céu de anil; sol de matar passarinhos; no espelho d'aço» [OD]

alvamento de areais subia a intensa irradiação do calor, interpondo um véu trêmulo entre os olhos e os objetos longe;²⁵ jazia a terra opressa sob a canícula²⁶ e na praia o mesmo oceano rugidor ressonava alto.²⁷ Pesava um irresistível torpor sobre todas as coisas. Na estrada deserta, faiscando ao sol,²⁸ nenhum cavaleiro levantava a poeira das viagens. Quem viajaria por esse calor mortífero?

Por isso o Manoel Dias se arrancara do balcão sem fregueses a essa hora e, recostado a um catre antigo, cochilava descuidado na varanda do oitão da sua venda.

Descuidado, mas não descuidoso. O bom do Manoel Dias, o pachorrento vendeiro, que,²⁹ para obviar aos inconvenientes de uma escrituração, não vendia fiado, vivia amofinado por preocupações gravíssimas. Agora mesmo cismava ele que só por caiporismo seu, sina de um mau nascimento, não se resolvera a jurar contra o alferes José Mendes,³⁰ na questão dos frades. Também³¹ em má hora se lembraram dele para testemunha nessa demanda de umas terras, cujo rumo seu pai vira correr e lhe

==

²⁵ Ausência do adjetivo «longe» [OD]

²⁶ «jazia a terra opressa sob o beijo ardente do sol» [OD]

²⁷ Entrada de parágrafo [OD]

²⁸ Ausência da oração «faiscando ao sol» [OD]

²⁹ Ausência de vírgula [CMT; CT]

³⁰ «Zé Mendes» [OD]

³¹ Ausência do advérbio «Também» [OD]

dissera. Questão liquidada para ele – a terra era do José Mendes.³²

E – vejam o que são as coisas! – ³³ quando entrou na Vila³⁴ no dia da audiência, ele³⁵ ia decidido a sufocar a consciência com o peso das considerações interesseiras da sua venda bem afreguesada em terras dos frades, do seu gado numeroso na marinha dando-lhe boa renda sem trabalho, da boa amizade com os seus senhorios, amizade lucrativa...³⁶ Ao transpor a porta da Casa da Câmara³⁷ trocou mesmo um sorriso com o procurador do Mosteiro.

Lá dentro, porém, o recolhimento de todos aqueles homens reunidos, a solenidade do tribunal, a emoção do juramento sobre a imagem do Senhor Crucificado³⁸ fizeram-lhe andar a cabeça à roda. Do coração ao miolo subiu-lhe com o velho sangue a lealdade lusa³⁹ e da sua boca só saíram palavras de verdade.

==

³² «Zé Mendes» [OD]

³³ Construção diversa do início do parágrafo: «Entretanto, quando entrou» [OD]

³⁴ «vila», sem maiúscula [GN]

³⁵ Ausência do pronome «ele» [OD]

³⁶ Inversão das orações do período final: «amizade lucrativa! e trocou mesmo um sorriso de inteligência com o procurador do Mosteiro, ao transpor a porta da Casa da Câmara.» [OD]

³⁷ «casa da câmara», sem maiúsculas [GN]

³⁸ «Senhor crucificado», sem maiúscula [OD]

³⁹ «subiu-lhe o velho sangue e a lealdade lusa» [OD]. Perceba-se a vinculação da lealdade lusa ao sangue de Manoel Dias a partir da revisão feita pelo autor para [GN] e [CMT].

Disse tudo: a verdadeira direção do rumo⁴⁰ quando foi da medição da data que o finado Zé Vítor⁴¹ vendeu a *seu* Alferes,⁴² a troca das árvores que tinham servido de ponto de mira, quando mais tarde o mesmo Zé Vítor, já com pouco espaço para a lavoura⁴³, entrou com o partido de cana pelas terras que já não eram suas, engano que o alferes não corrigiu,⁴⁴ pois que não precisava da terra e os marcos de pedra lá estavam para garantir-lhe a posse, etc., etc.⁴⁵ E, levado por um impulso de sinceridade, que não podia reprimir, já começava a falar da mudança noturna de um desses marcos, que embaraçava o novo alinhamento dos frades, quando o juiz, com um certo mau modo, interrompeu o seu depoimento e passou a outra testemunha.⁴⁶

Caiu então em si. Viu que não era esse depoimento o que a Justiça⁴⁷ esperava dele, viu que a sua honestidade⁴⁸ era importuna e

==

⁴⁰ Presença de vírgula entre «rumo, quando» [OD]

⁴¹ Ortografia atualizada de «Victor», presente nas versões anteriores [CT]; presença de vírgula entre «Zé Victor, vendeu» [OD]

⁴² «alferes», sem maiúscula [GN]

⁴³ «com pouca terra pra lavoura»

⁴⁴ Ausência de vírgula [OD]

⁴⁵ «e os marcos de pedra lá estavam no lugar, etc.» [OD]

⁴⁶ Período bastante diverso em [OD]: «o novo alinhamento dos frades, mudança a que assistia pessoa afeta ao Mosteiro, quando o Juiz, meio embaraçado, interrompeu o seu depoimento e passou a outra testemunha.»

⁴⁷ «justiça», sem maiúscula [GN]

⁴⁸ «lealdade» [OD]

mal vista, viu que era difícil saber lidar com gente grande.⁴⁹

No dia seguinte⁵⁰ já era sabido de todos e glosado malevolamente o testemunho do ingrato Manoel Dias, comprado pelo dinheiro do alferes.⁵¹ O honrado homem engolia as lágrimas de raiva que lhe causava a maldade do mundo e procurava explicar o seu procedimento. Os que o ouviam pareciam ficar convencidos,⁵² mas lá fora engrossava a onda da calúnia, ameaçando afogar a reputação da sua honestidade, a sua segunda religião!

Depois começaram os mulatos da fazenda de S. Bento⁵³ a vir atrevidamente fazer distúrbios⁵⁴ na sua venda e travar desordens,⁵⁵ em que ele, como inspetor do⁵⁶ quartirão, era obrigado a intervir. Era desatendido, lavavam-lhe a cara com desaforos, e ele, um homem livre,⁵⁷ uma autoridade, não podia

⁴⁹ «com a gente grande.» [OD]

⁵⁰ «No outro dia» [OD]

⁵¹ «Alferes.» [OD]

⁵² «ficavam convencidos» [OD]. É digna de nota a crescente preocupação do autor com a focalização das personagens, que se pode verificar por essa breve revisão do texto para [GN] e [CMT].

⁵³ «da fazenda São Bento» [CT]

⁵⁴ «rixas» [OD]

⁵⁵ Sem vírgula [OD]

⁵⁶ «do» [OD]

⁵⁷ Sem vírgula [GN]

prendê-los, porque os poderosos frades valiam mais do⁵⁸ que a Justiça!⁵⁹

Por fim recebeu ordem do procurador do Mosteiro para tirar o seu gado⁶⁰ todo da marinha dentro de oito dias e que pusesse preço à sua casa e mais benfeitorias, porque a Ordem⁶¹ precisava do seu arrendamento no fim do ano.

Manoel Dias pôs as mãos na cabeça: apesar de esperado, o golpe era forte demais. Montou a cavalo e partiu para S. Bento,⁶² decidido a fazer tudo para que o D. Abade,⁶³ que tinha fama de bom coração, consentisse-o mais um ano na Guarapina. Arranjaria então a sua vida sem os transtornos de uma mudança, que, assim forçada,⁶⁴ era o mesmo que a ruína.

Uma razão sentimental, além disso, levava-o ansiosamente à fazenda senhorial dos frades lavradores: queria persuadir ao D. Abade,⁶⁵ de cuja consideração fazia tanto caso, de que não fora o dinheiro do alferes que ditara⁶⁶ o seu depoimento e sim a incoercível consciência. E ao trote duro da Briosa lá foi marinha abaixo

⁵⁸ Supressão da preposição «do» [OD]

⁵⁹ Sem exclamação [GN]

⁶⁰ «para tirar seu gado» [OD]

⁶¹ «a ordem», sem maiúscula [GN]; «o mosteiro» [OD]

⁶² «São Bento» [CT]

⁶³ «Dom Abade» [CT]; sem vírgula [OD]

⁶⁴ «mudança que assim forçada», sem vírgulas [OD]

⁶⁵ «Dom Abade» [CT]

⁶⁶ «do Alferes que fizera» [OD]

o pobre homem honrado, baseando o seu discurso nuns pontos de doutrina cristã, de virtude, de fé em Deus e na Verdade que há de reinar para sempre... um discurso ardente e convicto,⁶⁷ como jamais houve.

Tudo⁶⁸ em pura perda! A fazenda estava cheia de visitas: todos figurões, gente de botas altas e de esporas de prata,⁶⁹ homens de muito dinheiro e muita empáfia, que nem olharam para ele e que tomavam toda a atenção do dono da casa. Manoel Dias voltou desconsoladamente, sem ter falado ao D. Abade.⁷⁰

Sabia,⁷¹ porém, que ele viria⁷² passar as festas do Natal e Ano Bom com os seus confrades da fazenda de Campos⁷³ Novos; era boa a ocasião para falar-lhe, quando ele passasse.⁷⁴ E não dormia de noite, com medo que o reverendo passasse sem ele o ver, aproveitando a fresca da noite para a viagem, que seria quase imprudência fazer de dia.⁷⁵

Mas ia o tempo correndo, já se estava a 20 e os dias cada vez mais tórridos não deixavam

⁶⁷ Sem vírgula [OD]

⁶⁸ «E tudo» [OD]

⁶⁹ Ausência do aposto «gente de botas altas e de esporas de prata» [OD]

⁷⁰ «falado com o D. Abade» [OD]; «Dom Abade» [CT]

⁷¹ Sem vírgula [OD]

⁷² «iria» [OD]

⁷³ «Campss Novos», erro tipográfico [OD]

⁷⁴ Entrada de parágrafo [OD]

⁷⁵ «que os dias não convidavam.» [OD]

mais que uma tênue esperança ao tresnoitado vendeiro de consertar a sua vida. Agora mesmo olhava ele para os cumuli⁷⁶ alvinitentes, que, surgindo⁷⁷ por trás da serra, prometiam talvez alguma valente trovoadas do Norte, que traria o tão esperado refrigerio à canícula intolerável.⁷⁸ E, olhando e ofegando⁷⁹ de calor, adormeceu.

Mal teria dormido meia hora, despertou o Manoel Dias a um tropel de cavalos e ranger⁸⁰ de arreios, de mistura com o rumor surdo de um carro que rodava pela areia fofa da estrada. Com o coração aos pulos correu a ver: era o frade de S. Bento!⁸¹

— Ó senhor D. Abade,⁸² gritou, debruçando-se ao peitoril da varanda, uma palavra, por favor!⁸³

O frade deitou a cabeça fora do carro e,⁸⁴ vendo quem⁸⁵ lhe acenava, fez-lhe uma mesura cortês. O cocheiro refreou as mulas. Manoel

⁷⁶ «cumulus» [OD]; «cúmulos» [CT]

⁷⁷ «se erguendo» [OD]

⁷⁸ «intolerável canícula.» [OD]

⁷⁹ «E olhando, e ofegando» [OD]

⁸⁰ «rinchar» [OD]

⁸¹ «Era o D. Abade!» [OD]; «o frade de S. Bento.» [GN]; «o frade de São Bento!» [CT]

⁸² «Dom Abade» [CT]

⁸³ Diversas alterações de pontuação, e diálogo entre aspas: «“O senhor D. Abade? — gritou debruçando-se ao peitoril da varanda, — uma palavra, por favor!”» [OD]

⁸⁴ Sem vírgula [GN]

⁸⁵ «o que» [OD]

Dias ia sair e receber⁸⁶ o seu alto senhorio, quando reparou que estava sem calças.

As malditas calças, com que sempre embirrara, como se já soubesse a má influência que podiam ter no seu destino⁸⁷ que tanto o incomodavam,⁸⁸ e que lhe faltavam⁸⁹ numa ocasião daquelas! Embarafustou pela casa adentro.

– Ó negra, que é delas⁹⁰ minhas calças?⁹¹ Vê onde estão as minhas calças! Procura, demônio, que eu não sei onde estão!⁹²

E voltando para fora, dirigia-se ao frade, que, vendo-o sumir-se, não descera do carro.⁹³

– Por favor senhor D. Abade,⁹⁴ não faça cerimônia nesta sua casa! Não repare, olhe...

Mas, com⁹⁵ medo de ser visto em ceroulas, fugia para dentro, gritando para a escrava.⁹⁶

==

⁸⁶ «ia sair a receber» [OD; CMT]; «ia a sair a receber» [CT]

⁸⁷ Ausência da oração «como se já soubesse a má influência que podiam ter no seu destino» [OD]

⁸⁸ «com que sempre embirrara, que tanto o incomodaram» [OD]

⁸⁹ «faltaram» [OD]

⁹⁰ «quédelas» [OD]; «quedelas» [CMT; CT]

⁹¹ Entrada de parágrafo [OD]

⁹² Ausência de parágrafo pelo resto do diálogo unilateral entre Manoel Dias e sua escrava (cujas falas são dispostas entre aspas), até «O D. Abade, achando suspeitos aqueles modos», em que há nova entrada de parágrafo [OD].

⁹³ «dirigia-se ao frade que vendo-o sumir-se não descera do carro», sem vírgulas [OD]

⁹⁴ «Dom Abade» [CT]

⁹⁵ «E, com» [OD]

⁹⁶ «gritando», sem indicação de «para a escrava» [OD]. Perceba-se na versão original a vinculação da ideia de escravidão

– Mas onde estão essas calças que não aparecem? Vê se não estão lá no quarto, negra! Ora,⁹⁷ esta só a mim acontece!

E voltava um instante⁹⁸ à varanda,⁹⁹ para tornar logo¹⁰⁰ a vir procurar as calças.¹⁰¹ O D. Abade,¹⁰² achando suspeitos aqueles modos, perguntou a um companheiro de jornada:¹⁰³

– Aquele não é o Manoel Dias?

– É ele mesmo.¹⁰⁴

– Coitado do homem, parece que perdeu o juízo,¹⁰⁵ refletiu o bom frade¹⁰⁶ a uma das desapareções do Dias e virando-se para o cocheiro:¹⁰⁷ toca,¹⁰⁸ rapaz, estamos perdendo tempo.¹⁰⁹

==

à «negra» de Manoel Dias, versão esta, diga-se de passagem, escrita dois anos antes da Lei Áurea, e posteriormente revisada [GN; CMT] nos anos da República.

⁹⁷ Sem vírgula [OD; GN; CMT]

⁹⁸ Ausência de «um instante» [OD]

⁹⁹ Sem vírgula [OD]

¹⁰⁰ Ausência de «logo» [OD]

¹⁰¹ Entrada de parágrafo [OD]

¹⁰² «Dom Abade» [CT]

¹⁰³ «voltou-se para um companheiro de jornada e perguntou-lhe: «Aquele não é o Manoel Dias?»» [OD]

¹⁰⁴ Sem entrada de parágrafo. Fala do D. Abade entre aspas [OD]

¹⁰⁵ Sem vírgula [OD]

¹⁰⁶ «santo homem» [OD]

¹⁰⁷ «do Dias, e concluiu:» [OD]

¹⁰⁸ «Toca» [CT]

¹⁰⁹ «“Toca, rapaz! Estamos perdendo tempo”», entre aspas [OD]

E o carro abalou. O vendeiro,¹¹⁰ que encontrara afinal as encantadas calças e que já tinha enfiado¹¹¹ uma perna, correu ao estrépito, soltando um clamor de desolação.

– Oh! senhor D. Abade!...¹¹²

Mas já ia longe o carro e com ele iam as esperanças do pobre homem. Num ímpeto de cólera deu¹¹³ um puxão às calças para rasgá-las, mas a ganga azul bem cosida pelas costureiras daquele tempo não se rompia facilmente.

Então o Manoel Dias pôs-se a olhar alternativamente¹¹⁴ para a estrada,¹¹⁵ onde há pouco estava a esperança da sua velhice,¹¹⁶ e para as calças meio vestidas,¹¹⁷ que lha faziam perder.¹¹⁸ E a raiva impotente e a desesperação de que se enchia, com o gesto tragicômico, davam-lhe uma expressão tão ridiculamente dolorosa que, vendo-o se moveria o coração do mais maldoso dos pessimistas, do sombrio Schopenhauer, o anti-Deus alemão.

Rio, 17 de janeiro de 1886.

¹¹⁰ «Manoel Dias» [OD]

¹¹¹ «já enfiara» [OD]

¹¹² Sem entrada de parágrafo, «Oh! senhor D. Abade!...» entre aspas [OD]; «Senhor Dom Abade!» [CT]

¹¹³ «deu ele» [OD]

¹¹⁴ «Dias, olhando alternadamente» [OD]

¹¹⁵ Sem vírgula [OD]

¹¹⁶ Sem vírgula [OD; GN; CMT]

¹¹⁷ Sem vírgula [OD]

¹¹⁸ O último período possui diversas alterações na primeira versão: «perder, enchia-se de tanta raiva impotente e de tanta desesperação, mostrava uma expressão que, vendo-o, exultaria o coração sombrio do maldoso Schopenhauer, o anti-Deus alemão!» [OD]